

## WARREN DEAN, BRAZILIANISTA BRASILEIRO

Boris Fausto

*Departamento de Ciências Políticas - FFLCH - USP*

Conheci Warren Dean por volta de 1967, quando de uma de suas viagens a São Paulo, para completar a redação de seu livro *The Industrialization of São Paulo, 1880-1935*. Ele teve a gentileza de me emprestar o manuscrito original, datilografado em folhas de papel de seda, naqueles tempos em que ainda não usávamos o computador.

Não sei se esse foi o livro mais importante de Warren, mas foi o que mais me influenciou. Três temas merecem, a meu ver, um destaque especial. O primeiro deles trata das raízes sociais da burguesia industrial paulista, vinculando sua origem ao setor agrário e aos importadores. O nexo entre burguesia agrária e industrial contribuiu para demonstrar a tese da inexistência de profundas contradições entre os dois setores, o que tinha aliás, na época, fortes consequências políticas.

A demonstração da existência de uma conexão entre muitos importadores e a formação da burguesia industrial era absolutamente original. Pouco ou nada se sabia a respeito do papel desempenhado pelos importadores, acreditando-se, de forma impressionista, que eles teriam interesses opostos à industrialização do país, por serem intermediários de bens produzidos no exterior.

Exemplificando com os casos de Crespi, de Muller Carioba e de tantos outros, Warren demonstrou as virtualidades dos importadores para lançar-se à produção industrial. Na linha da sua argumentação, por sua própria natureza, a importação requeria certo número de operações a serem realizadas no Brasil. Além disso, o importador, e mais ninguém, possuía todos os requisitos do industrial bem-sucedido: acesso ao crédito, conhecimento do mercado e canais para a distribuição do produto acabado. Mais ainda, os importadores tinham a possibilidade de converter suas agências de vendas em fábricas autorizadas.

Com a vantagem permitida pelo correr dos anos, é possível hoje dizer que o livro deixou apenas de enfatizar suficientemente a importância de imigrantes de classe média baixa – os donos de fabriquetas de fundo de quintal – para a formação do empresariado industrial, como trabalhos posteriores revelaram.

Outra contribuição significativa do texto reside na análise das vinculações entre a Primeira Guerra Mundial e o impulso à industrialização. De forma simplista, estabelecia-se uma correlação positiva

entre os dois termos, concluindo-se que, a quase interrupção do comércio internacional, gerada pelo conflito, representava uma barreira protecionista, impulsionadora do crescimento industrial do país. Simplificando sua argumentação, Warren ponderou que tal crescimento dependia de bens de produção importados, razão principal para que a guerra tivesse efeitos contraditórios que ele considerava mais negativos do que positivos, no contexto dos anos dez.

Essa constatação, embora sujeita a controvérsias, tem importantes implicações não só com relação à conjuntura estudada por Warren, mas também com relação à inaugurada pelo início da Segunda Guerra Mundial. Nesse caso, é inequívoco que o impulso à industrialização, por substituição de importações, foi um fenômeno concentrado nos últimos anos do conflito, quando se superou, em parte, o desarranjo do comércio internacional e os efeitos do fim das relações comerciais com a Alemanha.

Um terceiro tema deve ser destacado e este me tocou diretamente. Trata-se da análise do governo de Getúlio Vargas, nos primeiros anos da década de trinta. Warren sustentou a tese de que o governo nascido da revolução de 1930 foi errático na sua política de apoio aos diferentes setores econômicos, até o advento do Estado Novo, sem privilegiar portanto a burguesia industrial. Mostrou ainda como, na área da criação de uma infra-estrutura básica de bens e de serviços, o papel largamente predominante foi desempenhado pelo Estado e não pelo setor empresarial privado. Um exemplo, entre vários outros, é o da instalação da Usina da Volta Redonda que os industriais paulistas aplaudiram, mas como meros acompanhantes à distância.

As constatações do livro de Warren tiveram um forte impacto na formulação de meu ensaio sobre a Revolução de 1930, que vinha redigindo naquela altura. Senti-me reforçado, pela afirmação implícita da inexistência de contradições frontais entre a burgue-

sia agrária e a industrial – setores sociais muitas vezes imbricados – o que conduzia a uma interpretação diversa da tradicional, acerca das forças sociais integrantes da revolução de 1930. Especificamente, pude dar maior concreção à tese de que o impulso básico à industrialização não provinha de um setor da sociedade e sim do Estado.

Hoje, passados 25 anos, várias afirmações dos textos de Warren e dos meus já não se sustentam inteiramente, ou precisam ser matizadas. Mas elas abriram caminho, sem falsa modéstia, para se repensar as características da industrialização brasileira e, em nível mais amplo, para se repensar a natureza das classes sociais, assim como a natureza das relações entre classe social e Estado.

Warren integrou a espécie *brazilianistas*, os quais tem em comum, como se sabe, o fato de serem pesquisadores estrangeiros, sobretudo americanos, especialistas em temas brasileiros. Hoje, a controvérsia sobre os *brazilianistas* perdeu sentido e eles próprios se converteram em uma espécie com poucos exemplares, talvez destinada à extinção. Não era assim nos anos sessenta e setenta, quando seus adversários lhes atiravam à cara várias pechas. Elas iam desde a relativamente suave acusação de que estariam concorrendo, em condições vantajosas, com colegas brasileiros, por terem acesso a uma documentação inacessível para estes, até as invectivas de que punham em perigo a história nacional, sendo em alguns casos, suspeitos de serem agentes da CIA.

Não posso garantir que a última referência fosse em todos os casos inverídica, mas certamente eles não puseram em risco a memória pátria e, só em alguns casos de fontes relativas à ação do aparelho repressivo, ou às Forças Armadas, pequisaram em condições privilegiadas, em comparação com seus colegas brasileiros.

A verdade é que se uma caracterização genérica permite definir a espécie dos *brazilianistas*, seus integrantes variavam e ainda variam, na medida dos

traços pessoais e da qualidade intelectual. No que diz respeito às características pessoais, é possível falar de uma seqüência que ia, em um extremo, daqueles que vislumbravam nos colegas brasileiros meros informantes, até aqueles que, em outro extremo, levavam a sério os pesquisadores de nosso país, interessavam-se pelo que aqui ocorria, estabelecendo também muitos laços de amizade.

Warren era uma figura exemplar deste último grupo. Na área da atividade pública, com a discricção que lhe era peculiar, denunciou, ao lado de outros intelectuais americanos, violências praticadas contra professores brasileiros, e a prática da tortura, durante o regime militar.

Tive também a oportunidade de constatar como levava a sério seus colegas brasileiros quando, aí pelo ano de 1986, o encontrei em Nova York. Naquela altura, bascando-se na ascensão de Jânio e de Brizola, aliás mais efêmera do que imaginava, ele me disse, meio interrogativo: “ – Então você estava errado com relação à morte do populismo?” Achei a pergunta estranha, pois não me lembrava de ter feito a “profecia”. Warren me recordou então, que ela constava de uma entrevista, meio despreocupada, que eu dera para uma publicação avulsa da Editora Brasiliense.

Voltando aos anos sessenta, lembraria que Warren e os brazilianistas me influenciaram decisivamente, sob o ponto de vista metodológico; acredito mesmo que essa influência não se restringiu à minha pessoa. Quero me referir a uma coisa óbvia, ou seja, à necessidade do ofício de historiador se assentar em um sólido material empírico. Naqueles anos, como resultado de uma produção historiográfica de um raso estilo narrativo, hesitava em esmiuçar os “fatos da história”. Ao mesmo tempo, tinha muito respeito, mas nenhum encanto, pelas grandes explicações sociológicas que eram então prestigiosas moeda corrente.

Não foi propriamente um brazilianista quem pro-

porcionou “a chave da mina” e sim um intelectual inglês, ocasionalmente interessado na História do Brasil: Perry Anderson, um dos editores na *New Left Review*, detentor, por ser marxista, de um selo de legitimidade. Estudando os anos vinte e o contexto sóciopolítico que deu origem à Revolução de 1930, Perry valorizava tanto a macroestrutura quanto acóntecimentos na aparência banais, mas cheios de significado. Por exemplo, para demonstrar o conservadorismo das elites oligárquicas dissidentes, lembrava o exemplo do presidente de Minas, Olegário Maciel, que não ousava sequer proferir a palavra “revolução”, designando-a sempre como “a coisa”.

O selo marxista era indispensável, naquela época, para autorizar o ingresso no mundo empírico. Mas foram os brazilianistas de qualidade – entre os quais se encontrava, na primeira fileira, Warren Dean – os responsáveis pela elaboração de um tipo de história que punha os pés no chão escorregadio do passado. Por certo eles não eram muito fortes em teorias explicativas mas, naquela altura, se me permitem o plural, estávamos mais carentes do conhecimento de processos, episódios, instituições, do que de delinear grandes abstrações.

Quando pessoas amigas se vão de forma inesperada, fica nítida a imagem da “última vez”, que não imaginávamos fosse a última. Foi assim com Joaquim Barradas de Carvalho, historiador da História da Cultura Portuguesa, de quem me despedi para sempre, no corredor de um hotel lisboeta, fazendo planos recíprocos para o futuro.

Foi assim também com Warren, de quem me despedi, depois de um almoço, em um restaurante indiano do Village, sua “cidade” natal, por opção. Durante o almoço ele corrigiu, com elegância, comentários apressados que eu fazia sobre a estrutura universitária americana. Falou mais do que costumava, demons-

trando entusiasmo pela opção pioneira que fizera nos últimos tempos, concentrando-se na história ambiental da América Latina. Não quero porém insis-

tir na nostalgia, pois poderia descambar na retórica, falha que certamente Warren censuraria com seu olhar irônico.